ANO 1.º CASTRO LABOREIRO, 13 DE JANEIRO DE 1921 N.º 8

Editor — *Germano Alves.*
Redactor — *Abílio Domingues.*
Administrador — *José A. Alves.*

* * *

Redacção e administração — Rua do Progresso, n.º 5 — Castro-Laboreiro — Melgaço.

Propriedade da empreza *A Neve.*

A NEVE

Director — *Abílio Alves Carabel.*

Composto e impresso na tipografia do «Jornal de Melgaço»

Assinaturas — *Ano 3$50; semestre 1$80; trimestre $90. Colónias portuguezas 4$50. Países da União Postal (moeda portugueza) 6$00. — Número avulso $10.*

Publicações — *Linha, corpo do jornal $10. Anúncios e reclames, contrato especial.*

Pagamento adeantado.

Semanário independente:-- Por Castro-Laboreiro

CASTRO-LABOREIRO

(Continuação do n.º 7)

Contudo pobre como é aquêle sólo ainda poderia produzir o bastante para sustentar o povo que o habita se uma sábia direcção presidisse aos serviços agrícolas, direcção que não lhe deveria faltar se os nossos poderes públicos tivessem um pouco de senso comum. Uma boa parte do sólo da freguesia produzia milho, vinho, hortaliças de tôdas as qualidades e frutas diversas. Vastos pinheiros podiam cobrir aquelas serras e emquanto os pinheiros se desenvolviam construía-se uma estrada para Melgaço.

¡¡¡Que riqueza se perde e com tão pouca despeza!!!

As campinas que produzem feno estão reduzidas a ervas bravas que brotam espontâneamente do sólo e que são impróprias para a nutrição dos gados. Como poderia alimentar-se outro tanto gado mais nédio e mais gordo se fossem renovados aquêles prados com ervas de pastagens mais produtivas e mais nutritivas. ¡Como as searas do centeio seriam mais produtivas se aquêles antigos processos de rasgar a terra fossem substituídos por outros mais modernos!

Para isto não olham os nossos homens públicos.

Tôda a freguesia é montanhosa e sôbre as próprias montanhas, ainda outras mais altas se levantam, encimadas umas por cumes descalvados e outras por grandes penedias sôbrepostas, expondo à vista do visitante panoramas agradabilíssimos, onde a natureza mostra muitos dos seus caprichos.

São seus montes mais elevados, os montes denominados Leboreirão, Origeiras e outros que formam a Chão dos montes de Castro-Laboreiro, chão de forma arredondada a limitar a mesma freguesia pelo lado norte entre as freguesias espanholas de Padrenda e Monte Redondo e os lugarejos de Gorgoa e Mosinhos também pertencentes à Espanha. Êstes montes são calvos descarpados e frigidíssimos no inverno, brotando do seu sólo unicamente umas pequenas e ásperas ervas no mês de Junho, secando no mês de Agosto e não produzindo outra coisa em todo o ano. Alguns pequenos tojos que aí apareçam sómente podem ser aproveitados de doze em doze anos para servir de mato para estrumar as pobres terras dos lugarejos que de longe os circundam.

A célebre e notável fraga da Anamão, enorme massa granítica que se eleva quási perpendicularmente ao sólo e em cujo sopé e junto dum pequeno ribeiro se encontra a antiga ermida de N. Senhora da Anamão, festejada a 8 de Setembro com muita concorrência de castrejos e galegos.

São muitas as tradições anexas a esta ermida. Muito próximo à capela encontra-se um edifício misto de construção humana e da natureza.

Consta êste edifício de duas partes ou salas, divididas entre si por um muro, atravessado por uma porta com padieira e em forma de arco de construção antiquíssima e que faz a comunicação das duas salas que constituem o todo do edifício.

Era esta casa o quarte geral dos adeptos do Tomaz das Congostas, antigo salteador dêstes logarejos. Ainda está na mente dos castrejos uma quadra que Tomaz e os seus sequazes cantavam como ordinário de marcha em forma de combate:

Os pobres não o teem
Os ricos não o dão
Quem quer assentar praça
Vem à fraga da Anamão.

Esta imagem, segundo a tradição, apareceu naquêle local, na concavidade dum grande penedo com o seguinte dístico: «Dios te garde de los Miros».

Numa tosca pedra, próximo à ermida, brota um fiozinho de pura e cristalina água que os devotos da mesma Senhora bebem com fé sôbrenatural, atribuindo-lhe virtudes para cura de suas doenças, crença esta a que não foi estranho o venerando ancião, natural e residente que foi na mesma freguesia e conhecido pelo nome de Tio Fôrças, tabelião que foi do juiz da antiga comarca de Castro-Laboreiro, formada pela mesma freguesia e pela de Lamas de Mouro. Êste Tio Fôrças era um apaixonado pela obra política e administrativa do grande estadista Marquez de Pombal em quem falava assíduamente em todas as suas conversações, citava os seus exemplos e tão fanático era por todos os seus actos que vestia calção e casaco dos tecidos mais grossos das nossas fábricas da Covilhã, exemplo que o mesmo Marquez deu à aristocracia olisiponense quando foi secretário de Estado, sem comtudo o ser à imagem e semelhança dos secretários do enfatuado e estrelado Sidónio dêstes nossos tempos revolucionários.

Há mais o monte de Penagache, também de fantásticas tradições e imaginárias historietas. Uma moura revestida com luxuosos vestidos da mais pura e fina sêda e bordados a ouro do mais fino quilate, adornada com colares e pulseiras dêste mesmo precioso metal, cravejados de riquíssimos diamantes, passeia magestosamente, ora a pé, ora montada em soberbo e possante cavalo, naquelas noites belas em que a lua ilumina a terra com todo o esplendor que o permite a sua luz importada.

Manôlo.

(Continúa).

¿Quereis aquecer?

Tomai o afamado café da «Loja do Barateiro»--Calçada-Melgaço.